

ENTRE O REAL E O IDEAL: REFLEXÕES SOBRE O SABER HISTÓRICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PIBID.

Nadinny Alves de Sousa¹

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo pensar a relação do saber histórico na sala de aula a partir da vivência do PIBID. Essa relação pressupõe diálogo constante com o processo de formação do graduando, ou seja, o ambiente acadêmico. A escola, ou mais especificamente a sala de aula é o lugar de estabelecimento de uma relação mais intensa do professor com o aluno. É o espaço social onde o professor faz e se refaz. Nesse sentido o texto aqui apresentado visa discutir os problemas presentes na relação estabelecida entre o debate acadêmico e atuação docente dos profissionais de História, buscando constituir uma discussão o mais próximo possível da realidade encontrada nas salas de aula do ensino básico.

Palavras-chaves: Saber Histórico; Formação Profissional; Experiência do PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente artigo almeja uma reflexão entre o saber histórico na sala de aula e nossa formação como futuros professores, esse lugar sempre inacabado, onde a identidade forma-se no fazer-se e se constrói o tempo todo e as reflexões sobre práticas e vivências nos modificam diariamente.

Utilizaremos para essa reflexão nossa experiência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, na Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, situada na zona leste da cidade de Manaus, trabalhando com os alunos do ensino fundamental II, de 6º ao 9º ano, sob a supervisão da professora Cláudia Amélia Moreira Barros².

Dentre alguns de nossos objetivos, pretendemos demonstrar a importância do PIBID a partir de nossas experiências³, e contribuir de alguma forma para o diálogo sobre a necessidade da permanência do Programa, que se encontra ultimamente ameaçado de corte pelas atuais medidas de intervenção financeira aos incentivos na área da educação. Colaborar

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, sob orientação da Profª. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva; Expresso meu agradecimento ao Prof. Me. Robeilton de Souza Gomes que revisou todo texto e ajudou a torna-lo um artigo científico.

² A professora Cláudia Amélia Moreira Barros possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

³ Trata-se de um relato de experiência, vivenciado até o momento por um período de oito meses, que constituiu impacto significativo nos campos acadêmicos, profissionais e pessoais na formação dos graduandos. Duas vezes por semana vamos à escola para ministrar aula e paralelo a essa atividade, desenvolvemos projetos individuais que nos ajudem a pensar esses espaços como formação de cidadãos e a importância da disciplina de História e do papel do professor de História na sala de aula.

também para dar mais visibilidade ao Programa, pretendendo despertar em outros acadêmicos a vontade de fazer parte desse quadro.

As discussões nas disciplinas e orientações somam-se ao processo da nossa formação e os textos vão nos guiando e indicando caminhos, pautados em sérias pesquisas e análises compromissadas. Concordamos com Selva Guimarães quanto ao processo de ensino e aprendizagem de que nossa responsabilidade não pode fugir aos princípios da educação democrática, “educando as novas gerações ancoradas nos princípios e nas diretrizes da educação republicana e democrática em nosso país: igualdade, solidariedade, liberdade, pluralismo e respeito.” (GUIMARÃES, 2016, p. 76).

É com essa visão que atuamos na escola, procurando contribuir para formar cidadãos críticos, que consigam compreender os processos históricos, que tenham uma ação consciente na sociedade, de maneira ativa, percebendo os acontecimentos simultaneamente e articulando os diversos episódios com a realidade a sua volta.

Uma de nossas bases norteadoras para atuação na sala de aula são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Destaco dois dos objetivos gerais para o ensino fundamental que dizem respeito diretamente à cidadania e formação crítica do aluno:

compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. (PCN, 2000, p. 7)

Tais princípios nos parecem fundamentais, na medida em que incentivam o “diálogo”, o “respeito”, a “participação”, entre outras atitudes como forma de construir soluções para os problemas vivenciados no dia a dia. Isto significa dizer por outro meio que os alunos são chamados a participar do processo de construção dessas ações, portanto, partícipes e responsáveis pelos vínculos interpessoais (solidariedade, repúdio à violência, etc.) levando-os a se perceber não apenas como alvo, mas também como atores no processo de constituição da cidadania.

Contudo, estabelecemos cotidianamente uma relação complexa no universo escolar, não apenas professores e alunos são portadores de visões diferentes, como também todo o corpo docente e demais sujeitos pertencentes a esse ambiente. Se, a princípio, espera-se que todos tenham o mesmo comprometimento, todavia, nos deparamos com uma realidade muito diferente. *Professores* desmotivados, sem a qualificação necessária, descomprometidos e “amparados” por um sistema falho; *alunos* descompromissados com o conhecimento,

desrespeitosos com os professores, imersos num cotidiano de violência e descrentes do poder transformador da educação; *pais* ausentes da vida escolar dos filhos; *escola* com condições precárias de infraestrutura, sem possibilitar nenhum tipo de suporte didático e acompanhamento pedagógico que auxilie os professores na sua atuação docente. Toda essa realidade complexa suscita nos sujeitos envolvidos discursos e práticas diversas.⁴

Sem entrar no mérito da discussão, apesar da pertinência do tema, nosso atual sistema educacional não contribui para estimular o profissional da educação a crescer, buscar mais qualificação e colaborar para melhor qualidade de vida do educador. O baixo salário, as condições de trabalho, a falta de reconhecimento e de tempo impactam significativamente na atuação do professor dentro da sala de aula. É nesse sentido que, comentando a relação estabelecida por professores que foram consultados sobre o uso que fazem do livro didático, Circe Bittencourt afirma que:

O grau de dependência dos professores em relação ao material está associado à sua formação e às condições de trabalho, sobretudo à quantidade de escolas e horas de aulas semanais. Muitos dos docentes entrevistados afirmam que o livro didático é um ponto de apoio para organização das aulas, servindo como esqueleto e como ‘meio de recordar’ assuntos pouco estudados nos cursos de licenciatura (BITTENCOURT, 2011, p. 318 – 319).

A realidade aqui apontada extrapola o âmbito do esforço individual e diz respeito à forma como as políticas públicas para a educação vêm sendo implementadas, algo que extrapola os objetivos desse trabalho, contudo, e apesar do que dissemos, reafirmamos a necessidade de um esforço a mais por parte dos profissionais da educação para seguir neste caminho de aprimoramento do fazer profissional. É preciso continuar lutando por melhores condições de salário e de trabalho, mas sem deixar que o peso dos problemas interfiram nas responsabilidades e no próprio ato de ensinar.

Após fazer referência a tantas adversidades é preciso lembramos que o que nos orienta tem um sentido e um significado maior. De tantas referências gostaríamos de lembrar o título de um capítulo de livro do Leandro Karnal: *Por que continuo sendo professor?* E a resposta não poderia ser diferente, “porque a soma das coisas negativas não é tão terrível que elimine a dúvida”. (KARNAL, 2014, p.121)

O PIBID tem nos permitido vivenciar mais o real, ter contato com as inúmeras dificuldades dos professores de História, de ensinar História na sala de aula, do sistema de educação e tantos outros, por outro lado, nos permite continuar vislumbrando o ideal, aquilo

⁴ É preciso salientar que durante nossa experiência na referida escola onde atuamos no PIBID encontramos, para além da realidade descrita, professores motivados e comprometidos com o ensino e alunos aplicados aos estudos e com perspectivas positivas sobre seu futuro profissional.

que Rubem Alves descreve como a alegria de ensinar “a alegria de ser professor, pois o sofrimento de ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho”. (ALVES, 2012, p. 09)

Reflexões acerca da produção de conhecimento na sala de aula

Essa problemática nos possibilita refletir melhor sobre o que vivenciamos na sala de aula e o que lemos na academia. Seguimos Selva Guimarães em muitas de nossas discussões teóricas para pensar esses dois universos, ao mesmo tempo em que vivenciamos a experiência de iniciação à docência.

Pensando a produção de conhecimentos, concordamos que novos sentidos permeiam o ensino de História e que professores e alunos são sujeitos da História. O aluno não é mero aprendiz, assim como o professor ele é também portador e produtor de saber. Esse saber é explorado pelo professor, que deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a construir com o aluno uma relação de reciprocidade que tem como finalidade maior a construção de uma consciência histórica.⁵

Segundo Selva Guimarães (2012), dialogamos com vários saberes entre si no interior do processo educativo. Os saberes docentes, históricos, científicos, os saberes dos alunos e dos espaços sociais e todos eles se encontram no mesmo lugar, a sala de aula.

Nas palavras da autora:

Assim, lógica fundante da produção do saber histórico é a compreensão, a explicação do real. Ora, se o objetivo da disciplina é formar, educar, reconstituindo e buscando compreender o real histórico, podemos afirmar que a lógica docente é fundamentalmente construtiva. (GUIMARÃES, 2012, p. 208).

O PIBID nos possibilita aproximar os saberes histórico acadêmico e o saber histórico escolar. Levamos para o espaço da sala de aula do ensino básico nossas discussões na Academia, com o objetivo de colaborar com a formação dos alunos. É provável que nesse processo os bolsistas de iniciação à docência aprendam mais do que ensinam.

Quando os textos teóricos afirmam que alunos são detentores de saber e o professor consegue explorar esse conhecimento durante a aula, transferindo os conteúdos para o espaço/realidade deles, a aula segue com muito mais aproveitamento. Uma coisa que aprendemos com o PIBID é que o assunto da aula precisa fazer sentido para eles.

⁵ Partimos aqui das reflexões de Jörn Rüsen que define consciência histórica como “a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiências” (RÜSEN, 2011. p. 112).

Nosso maior objetivo com as aulas e o ensino de História é que os alunos entendam e analisem processos e construções históricas para atuarem na sociedade como agentes transformadores. Na maioria dos assuntos expostos na sala temos conseguido relacionar com a realidade deles, buscando incluir nas discussões o meio em que vivem a partir de seus relatos de experiência.

Levantamos diversos debates em torno dos assuntos do cotidiano, cultural, social, político, econômico e religioso, seguindo os objetivos gerais do PCN que implica:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (PCN, 2000, p. 09).

Não é fácil na maioria das vezes iniciar essas discussões, tocar nesses assuntos, cada aluno vem de casa com cargas de preconceito, discriminação, informações equivocadas, entretanto, o professor precisa assegurar que o debate seja colocado, que os direitos garantidos por lei serão respeitados e que esses, como outros assuntos, estão acima de mera opinião pessoal. Podemos concordar com Jörn Rüsen quando, falando da formação dos juízos de valores históricos, diz que:

O importante é que estes juízos de valor não apareçam independentes dos fatos históricos e que os processos de sua interpretação metodológica não figurem como um assunto meramente subjetivo, dos alunos e alunas, mas ao contrário: que ao emití-los se recorra sistematicamente ao conceito que tinham de si mesmos os afetados pelos acontecimentos do passado. (RÜSEN, 2011, p. 126).

Na maioria das vezes o espaço escolar é a única oportunidade que os alunos tem de entrar em contato com esse tipo de discussão, de conhecer direitos, deveres e limites. O professor precisa ter mente que ele é referência para os alunos, um contraponto muitas vezes do que a aluno tem em casa, é importante pensar nisso com responsabilidade.

Aprendemos, com um desses debates posto na sala, o quão significativo é tocar nessas questões. Eles deixam vir à tona com muita transparência tudo aquilo que fez parte da formação deles até o momento, sem jamais ter parado para pensar a respeito de suas próprias opiniões.

Sobre o que estamos afirmando transcrevemos abaixo uma redação produzida por uma aluna durante atividade realizada na escola sobre o tema da violência sexual:

Eu confesso que no começo deste assunto, eu fiquei argumentando que se a menina andava com roupas curtas ou decotadas, ela estava pedindo para ser estuprada, *por que* na verdade eu cresci ouvindo isso, porque minha mãe me ensinou assim, e eu achava que a própria pessoa tinha uma certa culpa sim,

mais eu acabei percebendo que não tinha nada a ver uma coisa com a outra, ninguém pede para ser estuprada, *por que* estupro é uma coisa que acontece a força, e como a pessoa tem culpa se ela não quis? Isso é uma coisa muito cruel por parte dos homens, os homens tem [...] mudar as opiniões deles sobre as mulheres, a mulher não é só uma coisa que usa quando quer e na hora que quer, e pela minha opinião ninguém deve passar por isso, nada justifica um estupro, em momento algum existe uma justificativa para uma coisa dessa, só quem passou por isso sabe como é passar por isso, deve ser muito difícil tentar viver com isso na mente, essas pessoas que violentam assim, não devem ter um pingão de noção do trauma, *por que* depois de sofrer isso, deve ser difícil confiar em outro homem, pois tem medo de sofrer aquilo de novo, e deve ser horrível se sentir assim e como eu já disse não desejo isso para ninguém. (Redação de 30 de maio de 2016).⁶

É possível perceber uma mudança de postura quanto ao tema tratado na redação a partir do debate estabelecido em sala de aula e uma reflexão problematizada sobre um tipo de pensamento anteriormente estabelecido. Na medida em que o sujeito “confessa” uma atitude aprendida de forma acrítica, transmitida por um juízo de valor corriqueiro e a partir disso se dispõe a (re)pensar e perceber a complexidade do problema, argumentando com raciocínios lógicos e coerentes.

Ainda partindo das reflexões de Jörn Rüsen, podemos dizer que esses momentos são oportunos para:

[...] demonstrar aos alunos e alunas que o mesmo fato pode ser percebido pelos afetados de forma diferente e inclusive contrária. [...] a experiência histórica perde a falsa aparência de objetividade; o passado ganha em vitalidade histórica e estimula, inclusive antes da percepção empírica, uma atividade interpretativa da consciência história dos alunos e alunas. **Não lhes resta outra alternativa senão opinar de forma argumentativa.** (RÜSEN, 2011, p.122). Grifo nosso.

Para nós, futuros professores de História, essas ocasiões se traduzem em oportunidades fundamentais de discutir a construção histórica das várias concepções e até mesmo das opiniões. É momento de desnaturalizar, de desconstruir determinadas visões de mundo, ou de pelo menos entendê-las do ponto de vista histórico.

É o momento de problematizar, de criticar, de questionar, de implementar uma investigação, de instigá-los a compreender o processo de produção do conhecimento. Utilizamos as rodas de conversas para ajudarmos os alunos a perceberem que são sujeitos do seu próprio conhecimento.

⁶ Optamos por manter a grafia original para não descaracterizar o texto e nem interferir no entendimento das ideias expressas.

CONCLUSÃO

As atividades do PIBID têm nos proporcionado uma verdadeira dimensão entre o que imaginamos e o que vivenciamos no contexto escolar. Entre os planos de aula perfeitos e a realidade cotidiana da escola, sem, contudo, eliminar o desejo de transformação, traduzido no desafio diário da educação, o real nos tem impulsionado a buscar o ideal.

Nesse período de experiência nos deparamos com todos os tipos de professores, fomos daqueles que projetaram em nós suas frustrações e decepções pessoais, interceptando-nos sempre que possível para nos pedir que sigamos por outra direção, àqueles que com muito compromisso e responsabilidade realizam seus trabalhos todos os dias reafirmando o quanto continuar nesse caminho vale a pena.

Acreditamos no poder transformador da educação e do ensino de História, sobretudo, no papel do professor. Essa certeza se traduz diversas vezes a partir da fala dos alunos. Tivemos uma experiência gratificante com os alunos da escola onde atuamos. Em um passeio com eles na Universidade Federal do Amazonas no final do ano passado, foi lhes dado a oportunidade de falarem sobre o ensino de História e como viam nossa atuação na escola. Um dos alunos proferiu as seguintes palavras:

[...] algumas pessoas pensam que, há, eu vou estudar pra quê? Mas isso é só mais uma coisa para abrir a nossa mente que estudar dá futuro. Porque algumas pessoas não puderam vir porque não se dedicavam, algumas pessoas não puderam vir porque não queriam saber de nada, mas nós estamos aqui, porque algumas dessas vagas vai ser nossa, cada uma delas porque cada um aqui tem um potencial, mas não em todas as áreas iguais, mais cada um em sua própria área, uma área diferente, mas cada um tem algo ou um caminho a chegar, uma faculdade a fazer. Então, a cada um aqui tem um objetivo que precisa participar. Bom, as aulas de História fizeram abrir muito meu senso político porque antigamente eu pensava de uma maneira que: Há! Política, como outras pessoas, não vou me meter. Mas a partir desse ano meu pensamento começou a mudar, meu pensamento começou a ficar mais aberto para política. Não, isso tá certo, isso tá errado. E o meu senso político foi a cada vez mais se aperfeiçoando, coisa que antigamente eu não dava muita importância, porque, há, política não me preocupa. Mas é algo que pra cada um de nós é importante porque é nós que vamos dirigir a sociedade, depois daqui a nossa geração que vai estar nos gabinetes presidenciais, nos gabinetes de prefeito, em cada lugar que a gente tiver é a nossa geração, é a nossa geração que vai fazer a diferença daqui pra frente. Então que nós busquemos cada dia mais se dedicarmos aos nossos estudos, cada dia mais nos dedicarmos a olhar as aulas com aquele interesse, eu quero estar lá, porque como eu já disse, aqui é uma oportunidade única [...] (Gravação realizada dia 22/11/2016; aluno do 9º ano da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida).

Percebemos a partir dessa fala o quão importante é que o professor discuta em sala determinados assuntos, contribuindo de fato para a formação do pensamento crítico dos

alunos. Utilizamos, para ensina-los a analisar discursos, lugar de fala, de produção, tudo aquilo que faz parte da realidade deles, e a partir disso e junto com eles, procuramos refletir criticamente os pontos que colocávamos em sala durante as aulas.

Tivemos durante esse período no Carolina Perolina, momentos muito agradáveis, de muito aprendizado e crescimento. Um ponta pé inicial em nossas carreiras, que contribuiu para reafirmar o que nos propomos a fazer desde o primeiro dia da graduação: ser professor de História e com isso volto para a mesma pergunta do Karnal, *Por que eu continuo professor?* O depoimento desse aluno se completa com a resposta dada por Leandro Karnal:

Porque eu faço muita diferença na vida de muita gente. Por mais babaca que pareça para muitos, esse é meu tijolo na parede da cidadania que estamos construindo no Brasil. Essas coisas me fazem feliz. Sou professor porque sou feliz. Para mim, tem bastado ao longo dessas décadas. Basta para você? (KARNAL, 2014, p. 133).

Acreditamos que o agir com compromisso, cuidado, amor, responsabilidade pode sim transformar determinadas realidades. Ensinar, como nos lembra Rubem Alves, é um ato de amor, “pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar” (ALVES, 2012, p. 12).

Se muitas de nossas falas se encontram no campo utópico, gostaria de lembrar a resposta oferecida por Eduardo Galeano quando perguntado *Para que serve a utopia?* Com sábias palavras e de maneira muito simples ele oferece a seguinte resposta: “Ela serve para isso: para eu não deixar de caminhar.”

Fontes Consultadas

Fontes Impressas:

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia.** – 2ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp. 07.

Documentos Avulsos:

Redação sobre Violência Sexual. PIBID. Atividade Realizada em 30 de maio de 2016.

Material audiovisual. Depoimento em 22 de novembro de 2016.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.** – 14ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos** – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2011 – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

GUIMARÃES, Selva (org). **Ensinar História: formar cidadãos no Brasil democrático.** In. Ensino de História e cidadania. – 1º ed. – Campinas, SP: Papirus, 2016, p. 75 – 105.

_____. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados.** – 13ª ed. ver. e ampl. – Capinas, SP: Papirus, 2012.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor.** 1 ed., 1ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **A história ensina: algumas configurações do saber escolar.** *História e Ensino*, Londrina, v. 9, p. 37 – 62, out. 2003.

SCHMITD, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.) **Jörn Rüsen e o ensino de História.** – Curitiba: Ed. UFPR, 2011.